O CORREIO

DIRECTOR
Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

EDITOR
Alberto Ferreira d'Aguiar

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto
Compos-to e impres-o na Typographia do A. J. da Silva Teixeira, Successor—Officinas movidas a electricidade—Rua da Cancella Velha, 70-1.º—PORTO.
Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO
1.º ANNO =N.º 25= AVULSO 20 REIS
Sabbado, 24 de Maio de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.os, 1$000 reis — Serie de 26 n.os, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal)—serie de 52 n.os, 15 francos (ou 5$000 reis). Serie de 26 n.os, 8 francos (ou 1$600 reis). Brazil: serie de 52 n.os, 6$400 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANNUNCIOS—Na secção de annuncios 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

Quem é a futura Rainha de Portugal

ENTREVISTA

Com a Senhora Marqueza de Rio-Maior

A Princeza Victoria

Um autographo de Sua Alteza Real o Principe de Hohenzollern, pae da Rainha Estephania.

Havia apenas um mez que, na Real Capella das Necessidades, se celebrára o casamento da Infanta D. Maria Anna com S. A. R. o Principe Jorge da Saxonia, confirmando-se assim á face de Deus os contractos que os plenipotenciarios tinham tratado e assignado: o Marquez de Loulé, pelo Rei de Portugal, e o Conde Carlos Frederico Vitzhun de Eckstaedt, pelo Rei da Saxonia.

Fôra D. Luiz, então, simples capitão de mar e guerra, buscar a bordo do seu navio o noivo, e foi tambem D. Luiz, quem, depois do primeiro mez de lua de mel passado no Paço de Belem, os levou no seu navio a Antuerpia.

Maio ouvira os sinos da capital tocar festivamente para as bodas da linda Infanta, vira passar os nubentes, após a benção do Patriarcha, nos coches graves, fôra testemunha d'alegrias.

Julho ouvira tocar os sinos de Lisboa, mas a finados.

Em maio de 1859 casára uma Infanta; em junho, morria a Rainha, a bem amada Rainha Estephania.

D. Pedro v queixava-se, entre os soluços da sua dôr:

— «Nunca tenho uma alegria completa. Ha um mez uns noivos que me fizeram bem, e já agora a morte!...»

Tinham-se partido, uma vestida de noiva, outra amortalhada pela saudade do esposo e do povo portuguez, as companheiras inseparaveis de D. Pedro v nos seus longos passeios pelos casebres e campos cumvisinhos do Paço.

Na consciencia da sua missão de Rei e no revolvêr da propria dôr ia D. Pedro v buscar as forças para se resignar da crueldade do destino que mal lhe déra quatorze mezes para ser noivo e viuvo.

A' fé religiosa ia o Principe de Hohenzollern buscar, e encontrar, a conformação perante a perda da filha.

E' d'um catholico a seguinte carta do Principe Hohenzollern escripta em resposta e agradecimento aos pezames que a S. A. R. escreveu o Conde da Ponte, e que a ex.ma snr.ª Dona Maria Joaquina Saldanha da Gama d'Ornellas e Vasconcellos, filha do nobre védor da real fazenda do Senhor D. Pedro v, gentilmente nos facultou:

« *Vossa Excellencia*

quiz exprimir-me a sua coparticipação na dôr pela perda cruel, que a Providencia divina nos impôz. Abençoando a Sua vontade, devemos crêr que, dilacerando o nosso coração, rasgando laços de familia, dos mais queridos, mergulhando-nos no mais profundo lucto, Ella nos quiz experimentar.

« Agradecemos a Vossa Excellencia o ter-se associado ao nosso desgosto. Mas creia que tambem, posso dizer-lh'o sem vaidade, perdeu uma alma nobre e bondosa, que lhe foi muito affeiçoada e reconhecida pessoalmente —, porque a minha muito amada filha não se cançava de me dizer quanto apreciava a sua dedicação e os seus serviços.

« Chorêmo-la sinceramente, que, emquanto nós a choramos, Ella rogará por nós lá nas Alturas, e será o nosso anjo guardião commum.

« Aceite a expressão do meu vivo reconhecimento por toda a dedicação que mostrou e testemunhou á minha fallecida filha, e creia, senhor Conde, nos sentimentos d'alta estima que continua a votar-lhe

O seu
dedicado
Principe de Hohenzollern.

Dusseldorf
4 agosto 59 ».

Como registo d'um autographo do avô da futura Rainha de Portugal, publicamos adeante o original d'esta alanceada e resignada carta.

Era tudo quanto restava da amada Rainha Estephania: as suas boas obras, a saudade imperecivel, e até hoje imperecida, da sua alma boa.

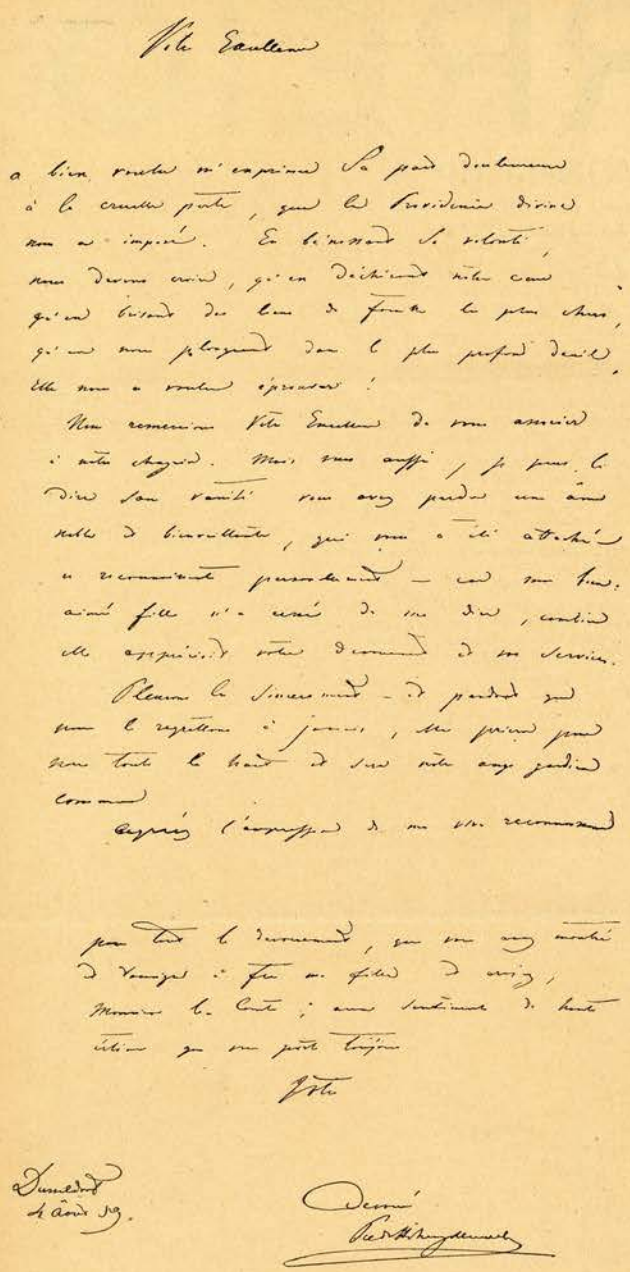
Dois annos depois, o amor tecia nova grinalda por sobre a tristeza das perpetuas que uniam a Casa de Hohenzollern á Casa de Bragança.

— S. A. R. o Principe Leopoldo Estevão Carlos Antonio, filho do Principe Carlos de Hohenzollern-Sigmaringen e da Princeza Josephina de Baden, — falla a Senhora Marqueza de Rio Maior — prendera os seus cuidados á Senhora Infanta D. Antonia, filha da Rainha D. Maria II, desde que a Lisboa fôra assistir ao casamento de D. Pedro v. Em julho de 1861, os plenipotenciarios não tiveram outro trabalho, senão reduzir a artigos d'um contracto antenupcial, o que os dois corações dos noivos já haviam resolvido. Estavamos, a Senhora Infanta e eu, noivas, quando assistimos a um baile lindissimo dado em honra dos Noivos pelos ministros da Prussia, em Lisboa, Condes de Rosembergue, no Palacio da Boa-Morte (na R. Santo Antonio, á Estrella) que era então do sr. Conde de Villa Real e hoje é da sua neta D. Izabel Saldanha da Gama. E' o palacio onde moravam ultimamente os Condes de Figueiró. A 12 de setembro de 1861 casou a Infanta Senhora D. Antonia. Lembro-me muito bem, porque quinze dias depois casei eu. O Infante D. Luiz foi levar os noivos a Anvers, na corveta de guerra portugueza *Bartholomeu Dias*, e D. Pedro v foi passar uns dias a Villa Viçosa, para distrahir os principes da saudade da Irmã, porque a Senhora Infanta D. Antonia era a alegria da casa. Para Elle não havia distracção possivel. Nunca mais calçou luvas brancas, nunca mais usou sellos senão pretos, nunca mais ninguem o viu rir. E, quando tinha uma amisade muito experimentada a que queria dar uma mostra d'apreço, não offerecia o seu retrato, mas o da Rainha Estephania com a dedicatoria pelo punho d'elle.

— Assim ficaram duplamente entrelaçadas, na mesma geração, as Casas de Bragança e Hohenzollern.

— E' verdade. A Princeza Estephania e seu irmão o Principe Leopoldo casando com o Senhor D. Pedro v e a Senhora Infanta D. Antonia de Bragança. De maneira que a nossa futura Rainha

A Princeza Victoria com seu Pae e seu Irmão



vem a ser neta da Infanta Real Senhora D. Antonia de Bragança e bisneta da Rainha de Portugal D. Maria II, e sobrinha-neta... ora espere, espere que eu tenho muito medo dos *acuavadas!*...

— *Acuavadas!* o que é isso?

A Senhora Marqueza de Rio-Maior sorri, — seu predilecto prologo de toda a anecdota que lhe corre a memoria —, e explica:

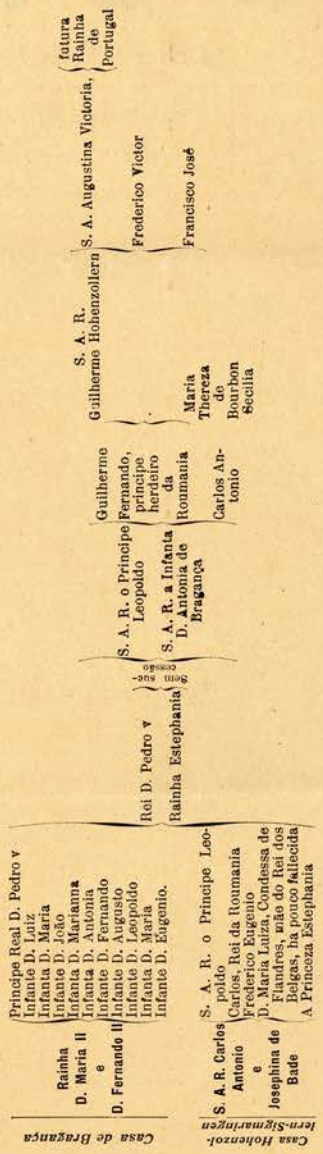
— E' uma d'essas tolices em que são tão férteis cá no estrangeiro, quando fallam ou escrevem de Portugal. A' exposição de 1867, que foi o melhor certamen retrospectivo, aqui em Paris, veio a nossa rica Custodia de Belem. A Custodia tem a palavra *acuavada*, escripta á antiga. O homem que fez o catalogo d a exposição, escreveu assim: — « *Naturalmente « Acuavada » deve ter sido um discipulo de Benevenuto Celini* ». E, cá em baixo: — « *Depois de feito o catalogo soubemos que « Acuavada » quer dizer « finie »* ».

Rimos. A Senhora Marqueza de Rio-Maior que se compraz em attentar nos aspectos comicos da vida, para desempregar o olhar das desgraças e miserias humanas, de quando em quando, contou outro caso:

— Quer ouvir outra *acuavada*? No livro *Les Beautés* do Padre Antonio Vieira, em que a França condensou os trechos escolhidos do grande orador sacro, ha a seguinte nota: « *Vieira era filho de uma dama da Duqueza de Bragança D. Catharina. Esta D. Catharina naturalmente era da casa de Inglaterra.* » Ora, a Infanta D. Catharina, mulher de Carlos, de Inglaterra, viveu uns 150 annos depois do auctor do sermão da *Sexagesima*. A D. Catharina, rainha da dama que foi mãe do Padre Antonio Vieira, vinha a ser a Duqueza de Bragança, mãe de D. Theodosio, a quem Filippe II se referia quando perguntava ao Duque d'Alba: — « *O' duque d'Alba! como te tratou a Duqueza?* » — « *Muito bem, Senhor! deu-me o melhor tratamento que podia dar-me. Disse-me: Jesus! duque!* »

E a Senhora Marqueza de Rio-Maior, com a grande complacencia dos seus dignos 72 annos, e da sua vasta cultura, riu ainda dos erros historicos dos estrangeiros que preleccionam Portugal, e continuou:

— Ora vamos a vêr se nós portuguezes, não cahimos nas *acuavadas*, apesar de andarmos aos tombos pelo estrangeiro, e sem livros nem papeis. Vamos aos dois ramos:



— Portanto, resume a Senhora Marqueza de Rio-Maior, a futura Rainha de Portugal, S. A. R. Augustina Victoria de Hohenzollern-Sigmaringen, não resta duvida que é neta da Senhora D. Antonia de Bragança, e bisneta da Rainha de Portugal D. Maria II.

— Conheceu o Principe Leopoldo, marido da Infanta D. Antonia de Bragança.

— Muito bem. Na occasião do casamento e nas outras visitas ao outro cunhado El-Rei D. Luiz, que a D. Pedro V nunca mais viram, nem o Principe Leopoldo nem a Senhora Infanta D. Antonia. O casamento celebrou-se em 12 de setembro de 1861, e El-Rei D. Pedro V não chegou a durar dois mezes: morreu a 11 de novembro. D. Pedro V estava já de cama, quando ouviu as salvas pela morte do Infantesinho D. Fernando. Impressionado, disse: « *Já sei, morreu o meu Fernando!* » Cinco dias depois, dia de S. Martinho, expirava o Rei D. Pedro V, o « Muito Amado ». Tão amado que o povo de Lisboa acreditando que fôra assassinado se amotinou.

— O que póde V. Ex.ª dizer como coeva?

— Que na viagem ao Alemtejo, feita para distrahir os Infantes da separação da Senhora Infanta D. Antonia, El-Rei D. Pedro V e os irmãos apanharam a palustre, e d'isso morreram; que a versão do envenenamento é uma lenda, a que deu curso as palavras do chimico: « *Visceras com signaes de envenenamento* ». Era a intoxicação das palustres. O povo, assim que tal soube, *ah! que de Deus que mataram o nosso Rei!* O povo via desapparecer o Rei e o Infante D. Fernando, via adoecer os Infantes D. João e D. Augusto, não queria crêr que fosse fatalidade: convenceia-se que era crime. Simultaneamente, fazia-se no Paço uma grande intriga dizendo-se que havia um plano para dar cabo de toda a Familia Real. O povo acreditou e quiz deitar fogo á casa do Senhor Conde da Ponte, chegando a untar as paredes com petroleo, e a acarretar molhos de carqueja para em volta do predio. Quebraram as vidraças, o diabo! As primas Pontes tiveram de fugir para casa dos Assecas. O sr. Conde da Ponte foi aggredido e ficou estendido no pateo das Necessidades, com dez brechas na cabeça. Vingança por ter cortado alguns abusos no Paço e querer endireitar a administração da Casa Real! Mas tambem se fez muita politica com a morte de D. Pedro V. Foi principalmente politica. Serviram-se do povo, como se servem sempre. E, coisa curiosa, já era Alcantara onde iam buscar os amotinadores, e já se observava o fraquejar da força publica. O instrumento dos politicos foi o *mudo d'Alcantara*, mau como todos os mudos, e que levantava e excitava o povo.

Incendiaram a casa do ministro Duque de Loulé, ao Pateo do Thorel, e que ardeu toda, e quando a Guarda Municipal apparecia os populares davam-lhe vivas. Commandava, então, a Guarda um tal Bravo, parece que era Bravo... de nome, e quando o povo dava vivas á Municipal agradecia, descobrindo-se. Já promettia!... O Conde da Ponte foi para uns aposentos da casa d'El Rei D. Fernando; mas esteve lá pouco tempo, não sei se um se dois dias, porque já não foi considerado prudente continuar alli. E passou para casa dos Stamarys, ministros do Brazil.

Já n'aquelle tempo, o Paço era pouco seguro... Mas emfim as causas eram outras: eram amor ao Rei, e por amor ao Rei que o povo queria mal á nobreza. E nós, apesar do grande susto que apanhámos, consolavamo-nos de vêr que a indignação do povo traduzia amor e saudade pelo Rei. Foi tamanha e tão geral a dôr da nação que as mulheres do mercado de Braga instituiram uma missa annual que, hoje não sei, mas até ha poucos annos, era rezada no dia 11 de novembro.

Como recebeu D. Luiz a noticia da sua elevação ao throno.

— O successor de D. Pedro V e o Infante D. João estavam então em França. Em vista das noticias do estado em que se encontrava o Rei partiram apressadamente para Portugal, entrando em Lisboa a 14 de novembro. Quando os ministros Duque d'Avila e Carlos Bento, disseram a bordo ao Senhor D. Luiz:

— « *Vimos receber as ordens de Vossa Magestade* », D. Luiz foi tomado d'uma convulsa emoção:

— « *Ai, não me digam isso! Ai, meu querido mano! ai, meu querido Pedro!* »

Ouvi depois dizer tanto ao Duque d'Avila como ao Carlos Bento: — « *Nunca um homem recebeu com maior desespero a noticia de ser rei.* » E fazia pena vêr El-Rei D. Luiz no coche da coroação, pallido como a morte, triste como a morte, quasi só, quando estavamos habituados a vêr tantos infantes e infantas, uma familia real numerosa que a morte reduzira. Um mez depois, a morte do Infante D. João reduzia-a ainda mais. Ainda as febres. O Infante

D. Augusto foi, dos atacados pela terrivel molestia, o unico que escapou. Salvou-o o dr. Manuel Carlos Teixeira, levando-o para o Lumiar, para uma casa dos Duques de Palmella, conhecida pela *casa do Monteiro*. O novo monarcha, D. Luiz I, foi residir para Caxias e depois para a Ajuda, abandonando a fatal morada das Necessidades. Impressionado, apprehensivo mesmo, nos primeiros tempos iam dar com elle a examinar a lingua ao espelho. Por duas ou tres vezes, a Senhora D. Antonia de Bragança e S. A. R. o Principe Leopoldo foram a Lisboa, de visita a El-Rei D. Luiz. O Principe...

— Hoje, senhora Marqueza, sou eu que interrompo a sessão.

— Pois, sim. Continuaremos quando quizer. Fallaremos então da Senhora D. Antonia e de seu augusto esposo, avós da nossa futura Rainha, e do pae, S. A. R. Guilherme de Hohenzollern que tambem visitou Lisboa, no reinado do Senhor D. Carlos.

— Emfim, um resumo de historia, a historia da familia da futura Rainha de Portugal.

Joaquim Leitão.

ECHOS

Apprehensão

Como os nossos leitores já sabem, foi apprehendido o numero 23 do nosso modesto semanario, e teve de sahir sem uns certos e determinados artigos a segunda edição que d'esse numero fizemos, por entendermos que não tinhamos o direito de deixarmos de distribuir aos assignantes a quarta parte da prosa que nos compromettemos a fornecer-lhes mensalmente para deleite seu e amargura nossa.

Se fossemos um jornal diario passariamos adeante e os nossos leitores seriam compensados pelo numero do dia seguinte da falta do numero do dia anterior, sem que por muito tempo estivessem assim privados do que não hesitamos em dizer ser-lhes o prazer da leitura da nossa prosa, visto que, se na sua leitura não sentissem prazer, não assignariam a gazeta.

Mas como somos uma publicação semanal, entendemos fazer uma segunda edição do numero apprehendido excluindo os artigos que não podiam ser publicados.

Devemos dizer isto, porque em alguns dos nossos illustres collegas se disse termos sido sujeitos á *censura prévia*, o que não é verdade com respeito ao numero 23, o que não quer dizer que não possa muito bem ser verdade com respeito aos numeros seguintes, o que ignoramos, pois que as condições especiaes em que escrevemos para o *Correio* fazem com que o nosso original para cada numero tenha de estar escripto e de ser remettido para a typographia, antes que qualquer conhecimento tenhamos do que se passou com o numero anterior e até ignorando se elle terá sido publicado.

Jornalismo feito n'estas condições tem o seu quê de pittoresco e é fertil em imprevistas surprezas, nem sempre agradaveis, algumas vezes um tanto complicadas.

Como, porém, não é facil dar remedio a esta situação, visto que a telegraphia ainda não está reduzida no preço a uma verba compativel com bolsas que não teem precisamente a vastidão e o recheio da bolsa de Morgan, resignemo-nos a não mandar os nossos artigos pelo telegrapho e a esperar que o correio nos traga tardiamente noticias do que escrevemos quinze dias antes.

Iamos dizendo, pois, que o nosso numero 23 foi apprehendido, e que foi esse o ultimo *gesto* do sr. Cerveira de Albuquerque como governador civil do Porto, pois Sua Senhoria logo em seguida abandonou o seu logar, declarando ao ministro do Interior que não voltava a exercer as suas funcções, o que realmente fez e o que, visto ter sido a apprehensão do *Correio* o seu derradeiro gesto, nos permitte observar que, menos feliz do que o poeta, não soube morrer o sr. Cerveira que viver não soubera, embora todos devamos reconhecer n'elle uma qualidade que é tão rara nos partidarios do regimen, que ha muito quem creia ser incompativel com os ideaes republicanos: a delicadeza.

Não sabemos ainda n'este momento quem vem, ou quem veio substituir o sr. Cerveira de Albuquerque, mas os nossos votos são por que seja pessoa bem educada, que nos apprehenda, que nos persiga, que nos suspenda, que nos faça o diabo a quatro, mas que nos não faça grosserias.

Estamos certos que na Republica, além do sr. Manuel d'Arriaga, impedido na Presidencia, e do sr. Cerveira de Albuquerque, ainda se encontram duas ou tres pessoas bem educadas que possam encarregar-se do governo civil do Porto.

As nossas esperanças são as de que nos dêem, ou nos tenham já dado, um governador, embora tyranno como todos os demonios, mas bem educado.

Não sabemos, no regimen em que se está vivendo, o que se póde e o que se não póde publicar. Pelos cortes que os nossos leitores terão visto na nossa segunda edição do numero 23 julgamos concluir que em determinado dia se não póde dizer o que se dissera em dias anteriores, pois que alguns dos periodos cortados em varios artigos diziam precisamente as mesmas cousas que já haviamos dito em outros numeros publicados sob o mesmo regimen, estando no poder o mesmo governo, e até sendo governador civil a mesma pessoa.

Sendo assim ha-de confessar-se que o trabalho do jornalista está espantosamente difficultado, pois já não basta saber o que permitte a lei que se escreva e o que póde ou não dar logar a qualquer procedimento das auctoridades. E' preciso mais, muito mais; é preciso saber tambem o que é que, podendo ser publicado nos dias 7, 12 ou 15 de cada mez, não póde ser comtudo publicado nos dias 19, 23 ou 30 do mesmo mez, e o que, podendo publicar-se n'uns mezes, se não póde publicar n'outros.

A' aventura vae indo, pois, o que escrevemos, até que a Republica se resolva a publicar um calendario de parede, tendo em cada folha a designação do que n'esse dia se póde dizer sem risco de apprehensão.

A apprehensão do nosso numero 23 causou-nos surpreza.

Temos empregado todos os esforços por não crear a menor difficuldade ao governo do sr. Affonso Costa, e por varias vezes mesmo aqui temos dado enthusiasticos vivas a Sua Senhoria. Repetidas vezes temos accentuado que desejamos a continuação do sr. Affonso Costa no poder e que pela nossa parte estamos decididos a combater energicamente todos aquelles que por qualquer fórma tentem impedir Sua Senhoria da livre execução do programma que se impôz de dar cabo d'esta caranguejola o mais rapidamente possivel.

Pois apezar d'esta nossa desinteressada e nobilissima attitude apprehendem-nos um numero e,—sabe Deus!— se nos terão apprehendido o anterior, se apprehenderão este, e se continuarão apprehendendo os seguintes, até que nós não tenhamos remedio senão retirarmo-nos, encarregando da redacção do *Correio* o sr. França Borges, o sr. Manuel Guimarães, o sr. Henrique de Vasconcellos ou qualquer outro bicho da mesma raça.

Seja como fôr, tudo iremos supportando sem protesto, que não vale a pena fazer.

Em janeiro de 1911 estavamos publicando o *Correio da Manhã* que, com a *Nação*, ainda então semanario, e o *Diario Illustrado*, que recomeçára havia poucos dias a sua publicação, constituia n'essa occasião toda a imprensa declaradamente monarchica do paiz. Um bando de matulões, em que havia alguns brosos militares com divisas ou galões, assaltou a redacção, fez tudo em fanicos, atirou pelas janellas o material typographico, rasgou papeis, partiu vidros, etc.

Esta espantosa violencia, nunca vista em Portugal, foi praticada n'um domingo, n'um lindo dia de sol. Toda a população da cidade teve conhecimento do caso.

Pois n'essa mesma tarde subiamos nós a Avenida n'um trem a tratar de vêr se conseguiamos fazer publicar no dia seguinte o jornal, e constatámos que, passeando alegremente, a fina flôr da *thalassaria* gosava o bello sol, n'uma absoluta indifferença pelo attentado que se praticára, absolutamente inconsciente da altissima gravidade que o facto tinha, e que só creaturas absolutamente destituidas de senso commum, falhas do mais modesto poder de raciocinio, não viam representar a entrada n'um caminho de violencias e de attentados que pouco tardariam a dar... o que deram: centenas de desgraçados nas prisões, enxovalhos a toda a gente, brutalidades, selvagerias, infamias.

Ora quem teve a dita de observar semelhante cousa, só por ingenuidade demasiada se lembraria ainda de protestar contra uma violencia como a que nos foi feita agora, n'um paiz que com tal indifferença acolheu o conhecimento do attentado até então nunca visto em Portugal, em todos os paizes civilisados considerado como o mais grave por todos os motivos e ainda como symptoma, praticado contra o *Correio da Manhã*, o *Liberal* e o *Diario Illustrado*.

Não protestamos, pois, contra a apprehensão do nosso numero 23.

Podem apprehender os numeros do nosso semanario, suspendel-o, processal-o, sujeital-o á censura prévia, supprimil-o... o que quizerem, que não faremos protestos.

No dia em que se nos tornar intoleravel a situação, deixaremos de publicar o *Correio*.

E quando o fizermos, não nos poderão accusar de termos desertado do nosso posto.

Desde 5 de Outubro de 1910 temo-nos conservado sempre no posto que as circumstancias reclamavam que occupassemos.

Não desertamos pois.

O paiz é que desertou de ha muito do posto que lhe fôra marcado na Historia.

Se assim lhe agrada, que por desertor fique, pois merguihar geral na lama se saberão salvar sempre os que, como nós, tendo sabido cumprir sempre o seu dever, ficam com o direito de votar o mais profundo desprezo áquelles que o não souberam cumprir, por egoismo ou por cobardia.

E viva... amigos!

A Republica e a Imprensa

Como n'outro logar referimos, tambem nós tivemos a honra de ser attingidos pela furia que contra a Imprensa têem manifestado os governos da Republica.

Vale a pena, para se poder comparar com o que se fez na Monarchia nos tempos de mais intensa lucta, publicar a lista, embora incompleta, dos attentados que contra a Imprensa se têem praticado desde que em Portugal se implantou a luminosa e redemptora Republica.

Os attentados começaram logo em seguida á implantação do novo regimen, quando era ministro do interior o aerio sr. Antonio José d'Almeida, que ainda ninguem nos explicou em que se differençava, moral e intellectualmente, do sr. Rodrigo Rodrigues.

Procurando tanto quanto possivel, por estarmos fazendo de memoria a lista, vêmos que desde a implantação da Republica, isto é, em dois annos e oito mezes, os governos luminosos e redemptores praticaram ou consentiram os seguintes attentados:

O *Liberal*, diario de Lisboa, assaltado pela populaça dias depois de proclamada a Republica. Ficou com o material typographico inutilisado e o seu director, o sr. conselheiro Antonio Cabral, foi preso na redacção pelo carbonario John Alves, então já com longo cadastro e hoje condemnado por assassinio. O sr. Antonio Cabral foi conduzido ao governo civil entre as vaias e as injurias dos garotos e mais restante povo soberano. O *Liberal* teve que suspender a sua publicação.

O *Portugal*, diario catholico de Lisboa, prohibido de publicar-se. A sua redacção foi assaltada pela populaça, que inutilisou todos os papeis que encontrou.

O *Povo de Aveiro*, supprimido por ordem da auctoridade. O seu director, sr. Homem Christo, foi conduzido a Lisboa, sendo injuriado e aggredido pela populaça quando, sob prisão, sahia da gare do Rocio, sendo obrigado depois a expatriar-se.

O *Correio da Manhã*, diario monarchico de Lisboa, assaltado pela populaça em janeiro de 1911. Inutilisaram todo o mobiliario da redacção e todo o material typographico e, tendo tentado publicar-se no dia seguinte, d'isso foi impedido por ordem do commandante da policia. Dias depois os seus principaes redactores, por indicação do sr. Eusebio Leão, governador civil, tiveram que expatriar-se.

O *Liberal*, que pouco antes reapparecêra sob a direcção do sr. Adriano Guerra, foi assaltado pela populaça tambem em janeiro de 1911, sendo-lhe inutilisado todo o mobiliario da redacção e todo o material typographico.

O *Diario Illustrado*, foi assaltado na mesma occasião pela populaça que lhe inutilisou as machinas de impressão, o material typographico e o mobiliario da redacção. O seu director foi preso dias depois nas Caldas da Rainha.

O *Correio da Manhã*, prohibido de reapparecer em fevereiro de 1911. O seu director, que voltára a Portugal para recomeçar a publicação do jornal, foi chamado ao governo civil, onde o sr. Eusebio Leão lhe notificou por escripto a ordem de expulsão do paiz no praso de tres dias, communicando-lhe ao mesmo que não permittia o reapparecimento do jornal.

O *Dia*, obrigado a suspender a sua publicação em maio de 1911 por lhe não dar o governo garantias contra as ameaças que lhe eram feitas pela carbonaria de lhe fazer o mesmo que mezes antes fizera ao *Correio da Manhã*, *Liberal* e *Diario Illustrado*. O seu director fôra aggredido pouco tempo antes por um bando de caceteiros.

A *Palavra*, diario catholico do Porto, obrigada a suspender a sua publicação, depois de ter sido assaltada pela populaça.

O *Grito do Povo*, semanario do Porto, supprimido por ordem do governo.

A *Velha Guarda*, semanario da Guarda, supprimido por ordem do governo.

A *Alvorada*, semanario de Lisboa, supprimido por ordem do governo, depois de ter sido apprehendidos varios numeros e de ter soffrido varias perseguições.

O *Syndicalista*, semanario de Lisboa, impedido de se publicar durante algum tempo, teve apprehendidos varios numeros.

A *Nação*, diario de Lisboa, foi obrigada a suspender durante alguns dias a sua publicação, teve numeros apprehendidos e foi sujeita á censura prévia.

O *Dia*, diario de Lisboa, foi obrigado tambem a suspender a sua publicação durante alguns dias, teve varios numeros apprehendidos e foi sujeito á censura prévia.

O *Socialista*, diario de Lisboa, soffreu as mesmas perseguições que a *Nação* e o *Dia* e foi sujeito egualmente á censura prévia.

O *Intransigente*, diario republicano de Lisboa, teve numeros apprehendidos.

As *Novidades*, diario republicano de Lisboa, teve um numero apprehendido e contra ellas se exerceram varias violencias, pretendendo-se sujeital-as á censura prévia.

A *Cambada*, publicação republicana, teve um numero apprehendido.

O *Correio*, semanario monarchico do Porto, teve um numero apprehendido e só o pôde publicar em segunda edição depois de ter retirado os artigos que tinham motivado a apprehensão.

A *Terra Livre*, semanario de Lisboa, foi apprehendido.

O *Cinematographo*, semanario humoristico, foi apprehendido.

A *Revolta*, publicação semanal, foi apprehendida.

Esta lista está incompleta, porque muitas outras violencias se exerceram contra jornaes da provincia, das ilhas e do Ultramar, que não citamos por nos não recordarmos dos titulos dos jornaes que soffreram essas violencias.

Das publicações portuguezas editadas no estrangeiro tres soffreram tambem violencias por parte dos governos da Republica.

A *Chronica do Exilio*, publicação de Annibal Soares, foi apprehendida e prohibida de entrar e ser distribuida em Portugal. A policia intimou os assignantes que a *Chronica do Exilio* tinha em Portugal, a entregarem ás auctoridades os numeros que tivessem em seu poder.

O *Povo de Aveiro no Exilio* foi apprehendido e prohibido de entrar e ser distribuido em Portugal.

A *Contra Revolução* egualmente prohibida de circular em Portugal.

Tambem foi apprehendido o livro *Banditismo Politico* do sr. Homem Christo.

Por fim, se não estamos em erro, o governo da Republica para não poupar tambem a imprensa estrangeira á sua furia, expulsou do paiz o correspondente do jornal hespanhol *El Mundo*, se a memoria nos não atraiçôa.

Crêmos que não é necessario fazer o menor commentario a esta lista.

Recordem os nossos leitores o que se tenha passado no tempo da Monarchia com qualquer governo que mais perseguidor da Imprensa tenha sido e vejam se, em dois annos e meio, se praticaram contra os jornaes tantas violencias e se alguma vez contra algum jornal e contra algum jornalista se praticaram certos dos attentados de que fazemos referencia n'esta lista.

O *Mundo* chamou-nos *pasquim*, a *Montanha* chamou-nos *sujo papel*.

Ambos tiveram essa amabilidade ao noticiarem a apprehensão do numero 23 do nosso semanario.

Não ha que estranhar.

O *Mundo* chama-nos pasquim, porque é ignorante e não sabe o que quer dizer a palavra *pasquim*.

Sabe apenas que quer dizer uma cousa qualquer desagradavel, de deprimento, pois sabe que é como toda a gente o designa, a elle.

Mas se lhe explicarem o que quer dizer *pasquim* e o convidarem a explicar por que entende que tal designação se deva applicar ao nosso jornal... cala-se.

O *Mundo* foi sempre assim. Diz as cousas sem saber o que ellas significam e quando se lhe pede que explique a razão do dito... fecha a bocca, baixa as mãos e levanta os pés.

Quanto ao facto da *Montanha* nos chamar *papel sujo* não nos surprehende.

Evidentemente a *Montanha* quando compra algum exemplar do nosso jornal agarra-o com as mãos.

E, é claro, os exemplares ficaram logo sujos.

O que nos não parece justo é se nos atire a culpa da *Montanha* ter as mãos sujas.

Ella que as lave.

Agradecimento

Alguns nossos illustres collegas tiveram a amabilidade de protestar contra a apprehensão do numero 23 do nosso modesto semanario, acompanhando o seu protesto de palavras de captivante gentileza para comnosco.

A todos agradecemos desvanecidos a sua amabilidade.

Inexactidões

Nas *Novidades*, de 15 d'este mez, appareceu um artigo que se não percebe bem se foi escripto para esse jornal ou se foi transcripto de outra gazeta ou de algum livro, e em que se dizem cousas varias a respeito de assumptos relativos aos trabalhos das primeiras incursões monarchicas.

O auctor do artigo é evidentemente um monarchico que do assumpto de que trata só tem conhecimento por boatos que alguns ociosos espalhavam pelos hoteis da Galliza, emquanto outros realistas arriscavam a vida e passavam martyrios.

Assim elle diz que tres pessoas cujos nomes cita foram encarregadas em determinada occasião de *missões como representantes da causa monarchica junto de personagens de alto cothurno*, quando a verdade é que a primeira d'essas pessoas foi muito simplesmente encarregada de fazer chegar ao seu destino, por intermedio de um seu amigo e ainda parente, uma carta importante e confidencial, e a terceira foi encarregada de, por intermedio de pessoa a quem estava ligada por relações de amizade, conseguir a resposta a essa carta, por ter sido forçado a ausentar-se de Madrid o primeiro intermediario. Quanto á segunda das pessoas citadas foi encarregada, por essa occasião, de varios trabalhos de transporte e acquisição de material, que desempenhou sem intervenção de *personagens de alto cothurno*.

O facto do articulista se fazer echo de

boatos, mostrando desconhecer a verdade das cousas, não o impede, comtudo, de assegurar de maneira categorica o que diz.

Não percebemos bem com que intuitos o articulista faz declarações categoricas mas inexactas sobre factos que não apurou devidamente, interrogando sobre elles as pessoas que na realidade lhe podiam dar informações certas e até documental-as. Mas queremos crêr que obedeceu apenas ao proposito de... fazer como os outros.

Temos lido muita cousa sobre o que se passou na Galliza, temos ouvido muitas affirmações sobre factos varios, e temos tido occasião de apreciar isto de curioso: tudo que se tem affirmado sobre a Galliza, áparte a narrativa das operações militares contadas no *Correio* pelos proprios officiaes que n'ellas tomaram parte, está cheio de falsidades, que demonstram que quem as escreveu tem pretendido fazer historia e critica... por boatos, fazendo a historia dos trabalhos da Galliza como o *Mundo* fez a historia da Monarchia na secção *Diz-se*.

O auctor d'estas linhas é quem, sobre os trabalhos da Galliza, principalmente dos que dizem respeito á primeira incursão, tem a mais importante e larga documentação e d'elles tem o mais completo conhecimento.

Pois embora tenha visto em muitos jornaes entrevistas com immensa gente, desde os mais graduados monarchicos até aos mais modestos creados de hotel, nunca foi procurado nem interrogado por qualquer d'essas innumeras pessoas que teem pretendido fazer a historia do que se passou na Galliza.

E' certo que essas pessoas não adeantariam quaesquer novas informações sobre o assumpto, porque quem escreve estas linhas entende que não é chegado ainda o momento de fazer a historia do movimento contra a Republica, visto não estar ainda derrubado o regimen implantado em Portugal em 5 de Outubro e, apezar de tudo, não estarem ainda perdidas as esperanças de tal se conseguir.

Mas os que tanto teem escrevinhado, uns por conta dos republicanos, outros para gaudio d'estes, mostrariam com isso, ao menos, que no seu escrevinhar obedeciam ao desejo de fazer Historia sobre documentos, e não *historias* sobre mexericos de mulheres... de calças e de homens... de saias, e sempre poderiam ser informados de que taes e taes factos a que se referem não são exactos.

O artigo das *Novidades* é, n'esse ponto, caracteristico.

Vê-se n'elle o echo perfeito dos mexericos e das intrigas que todos aquelles que estiveram na Galliza conhecem muito bem, nas suas causas e nos seus intuitos, e que muito concorreram para que não fossem coroados de exito os unicos trabalhos que com dedicação, desinteresse, patriotismo, honradez de propositos e de intuitos, e sem preoccupação de sacrificios de especie alguma, até hoje se teem feito no estrangeiro com o fim de derrubar o regimen.

O que nos faz pena é que emquanto os monarchicos se entregam a taes mexericos e a taes intrigas e se occupam em fazer criticas malevolas baseadas em boatos mal intencionados, milhares de presos continuam soffrendo por essas cadeias as consequencias do seu enthusiasmo e da sua fé n'uma causa, que outros pelo seu espirito de intriga ou pelo seu egoismo, pela sua cobardia ou pela sua mesquinhez de espirito, vão prejudicando com uma inconsciencia que espanta ou com um cynismo que revolta.

Paciencia!... Por nós já sabemos o que havemos de pensar de tudo isto e o que ha a esperar de taes ratões. E, por isso, affastados de tudo e de todos desde ha muito, cá vamos continuando no nosso cantinho a escrever n'este modesto semanario e a prestar a homenagem da nossa enternecida admiração aos presos, que nos seus carceres tão admiravel exemplo teem dado de firmeza de caracter e de espirito de sacrificio, e á memoria d'aquelles que perderam a vida, indifferentes á ingratidão e á maldade dos homens, e confiados unicamente na justiça da causa a que se haviam dedicado.

Vamos andando nós o caminho que nos traçámos, que algum dia chegará o momento de vêr levado tudo a bom termo e de... pedirmos a palavra. E então dir-nos-hão provavelmente não ser conveniente á Patria e á Monarchia o contar a verdade, aquelles que para ahi teem andado fazendo-se echo de todas as lerias, de todas as pêtas e de todos os mexericos de emigrados ociosos e inuteis ou de pessoas que em Portugal fallam, fallam, fallam tanto, que até parece que lhes deram corda... os republicanos.

Até lá... paciencia... e haja saude.

Couceiro

D'um bello folhetim de Carlos Malheiro Dias no *Commercio do Porto* transcrevemos estes admiraveis e commoventes periodos:

«Recomeçamos, depois, a caminhar; e para nos distrahir da chuva, eu minuciosamente descrevia ao meu companheiro a sala, de paredes revestidas de obras primas da gravura ingleza, onde a discipula da cantora Mantelli, sentada ao piano, estava cantando. Reconheciamos que as casas, como as creaturas, téem todas a sua alma, o seu caracter e os seus segredos. Atravessavamos agora uma pequena rua quieta e erma, onde só havia uma janella illuminada; e então o meu amigo, obrigando-me a parar, por sua vez, ante essa janella de onde sahia uma claridade, contou-me o segredo d'aquella luz.

«Sentados á mesa onde ardia aquella lampada, dois velhos: elle um general septagenario, ella uma ingleza cujos cabellos de oiro se converteram em prata, ha dois annos que em segredo fazem esta pergunta terrivel: qual virá primeiro, a Morte ou o Filho? Ah! esse filho, cujo nome durante longos mezes alvoroçou o paiz de norte a sul, que centenas de milhares de consciencias abençoavam, que centenas de milhares de vozes amaldiçoavam; esse filho cujas acções os reis, os ministros, os parlamentos, os diplomatas, os povos discutiam; esse filho injuriado, ameaçado, exaltado, divinisado, que desde os vinte annos jogava a vida nos campos de batalha e fazia tremer, em alternativas de terror e de jubilo, um pobre coração de mãe; esse filho exilado, condemnado, paladino de miragens, ambos aquelles velhos o viam pequenino, cabendo n'um regaço, crescendo entre beijos, para mais tarde viver entre balas...

«Contemplavam-se os dois. Um ao outro o não diziam. Mas ambos, ha dois annos, á luz nocturna d'aquella lampada, fazem mudamente a pergunta medonha: qual virá primeiro, o Filho ou a Morte? Ah! as maravilhosas e as commoventes historias que podiam contar-se sobre as luzes nocturnas das janellas!»

Confusão

A *Republica* pede desculpa a um outro jornal por ter confundido o seu titulo com o titulo de um periodico que deixou ha annos de se publicar, e pede desculpa por considerar que a confusão devia ser desagradavel ao seu collega por ter sido franquista o jornal com o qual ella o confundira.

Não percebemos o que possa entender a *Republica* que haja de desagradavel para qualquer jornal o confundirem-n'o com um outro jornal, por este ser franquista.

Por mais que olhemos o Sagrado Tribunal não vêmos nenhuma folha que desempenhe com mais dignidade, mais coherencia e mais honradamente a sua missão do que a desempenhou a imprensa franquista, em todas as circumstancias.

A *Republica* não entende porém assim, ao que parece, e aproveita a occasião para dizer uma grosseria.

Pois por muito má opinião que a *Republica* tenha da imprensa franquista, esperamos porém que de uma cousa a não accusará jámais: a de ter defendido alguma vez o sr. Antonio José d'Almeida.

E' que a imprensa franquista nunca defendeu cretinos.

O Adamastor

O cruzador *Adamastor* lá deu com o focinho n'um rochedo, que o seu commandante tomou provavelmente por uma vaga, o que é naturalissimo, pois é sabido que ha rochedos que são talqualmente vagas, como ha vagas que são talqualmente rochedos, com a differença apenas das vagas serem de agua e os rochedos serem de pedra.

O commandante do *Adamastor* é um dos heroes de 5 de Outubro. O facto de ter concorrido para a proclamação da Republica demonstrou de tal fórma a sua competencia como official de marinha, que o governo entendeu, e quanto a nós muito bem, que o devia passar logo de 2.º tenente moderno a capitão-tenente antigo, o que immediatamente lhe deu a patente necessaria para dar cabo do *Adamastor*.

O *S. Raphael* tambem deu ha tempos com os focinhos n'um rochedo e n'elle acabou a sua amargurada vida. Era tambem commandado por um heroe de 5 de Outubro, que egualmente o governo considerou ter mostrado a competencia necessaria para passar de 2.º tenente moderno a capitão-tenente antigo, por ter concorrido para a proclamação da Republica.

No *Vasco da Gama* tambem está como commandante um heroe de 5 de Outubro, o sr. Ladislau Parreira, que de 1.º tenente saltou para capitão de fragata por ter tambem concorrido poderosamente para a proclamação de 5 de Outubro. Este official, ao tomar o commando do *Vasco da Gama* declarou que o não assustava o novo posto, porque quem sabia dirigir *um pequeno*, sabia dirigir um *grande*, o que traduzido em portuguez queria dizer que quem sabia dirigir um pequeno rebocador, o *Berrio*, — por exemplo, — sabia dirigir um grande couraçado.

O *Vasco da Gama*, felizmente, não tem sahido por incommodo de saude, o que não permittiu ainda ao seu commandante demonstrar praticamente que quem dirige um pequeno, dirige um grande, sem o dirigir comtudo para cima dos rochedos.

Os nossos votos são por que a pratica demonstre a affirmação e que o pobre *Vasco da Gama* seja mais feliz nas mãos d'este heroe de 5 de Outubro do que o foram o *Adamastor* e o *S. Raphael* nas mãos dos outros dois heroes.

Em todo o caso, como não nos parece que seja mettendo no fundo os nossos poucos navios de guerra que se consegue levar a boa solução aquelle complicado problema da defeza naval para a qual é necessaria uma esquadra cada vez maior do que a nossa que cada vez está sendo menor, como se vae vendo, parecia-nos talvez conveniente que o governo tomasse algumas providencias tendentes a evitar que o que ainda resta em navios de guerra andasse por esse mundo de Christo ás focinhadellas aos rochedos.

Essas providencias poderiam talvez limitar-se por emquanto a tirar...

O commando dos navios aos heroes de 5 de Outubro?

Não, senhores... D'isso Deus nos livre!... Deixal-os lá estar... Emquanto houver navios, deixal-os lá...

Não... Essas providencias poderiam talvez limitar se por emquanto a tirar... os rochedos e a mandal-os pôr onde os navios não possam ir ter com elles.

No alto do Monte Branco, por exemplo.

Ponham-n'os no alto do Monte Branco e desafiamos todos os heroes de 5 de Outubro a que sejam capazes de atirar para cima d'elles com algum navio do seu commando.

O Retrato de

Sua Alteza Serenissima
a Princeza Augusta Victoria
d'Hohenzollern-Sigmaringen

Reproduzido em bilhetes postaes, está já á venda.

Cada postal 50 reis

Descontos aos revendedores

Os nossos assignantes teem o desconto de 20 % — franco de porte.

PEDIDOS

No Porto — Administração de «O Correio» Rua Passos Manoel, 177-1.º

Em Lisboa — Agencia de «O Correio» Largo de S. Paulo, 12-1.º

Tambem se encontrarão á venda em algumas tabacarias do Porto, Lisboa e Coimbra.

Considerações vagas

Mais insensivel ás Realidades, do que a pelle do hipopotamo ás frechas do cafre, — prosegue a marcha da Republica, marcha que, nos momentos actuaes, nem mesmo o mais obcecado dos seus guardas do corpo ousará defender, se da consciencia alguns farrapos lhe restarem, ainda, com vestigios de vida.

Insensivel ás Realidades quer dizer totalmente improficua, incapaz, inoperante, a respeito de qualquer especie de fins uteis, d'objectivos praticos, d'actividades proveitosas, que representam, em linhas geraes, a missão verdadeira dos governos, o seu papel necessario, e mesmo a sua essencialissima razão de ser.

O caso figura-se extraordinario á primeira vista, mas não o' é tanto como parece.

Não surgem as cousas bem do acaso, comquanto o acaso n'ellas tenha, ás vezes, bastante interferencia.

Se a Republica não realiza, não é porque alguns republicanos não tenham theoricamente esses desejos.

Não. A Republica não realiza, porque não póde realizar.

A genese da sua existencia, e a logica simples, demonstram isto mesmo.

A Republica não realiza, porque não póde realizar.

Vamos á prova.

Politica e Moral, Philosophia e Trabalho, Artes e Commercio, são tudo manifestações da vida collectiva, que tomam uma fórma, ou tomam outra, conforme o fogo interno que anima o espirito publico.

Esse fogo interno é o genio, ou o temperamento da raça, modificado pelas influencias que receba de fóra.

Debalde se apregoam egualdades. No mundo ha pastores, e ha ovelhas. E as ovelhas acompanham os pastores, mesmo quando os pastores as levam com destino ao matadouro.

Dos Pastores da Republica, — d'esses que, de facto, teem pastoreado, com mão effectiva na massa, — as responsabilidades são evidentes, e são fundamentaes.

A Alma Portugueza não é de Violencias. Antes muito pelo contrario.

E a acção da Republica, integrada na acção d'esses Pastores e seus sequazes, foi, e continua sendo, uma acção de Violencia.

D'ahi o Divorcio perfeito, entre a orientação das Predicas e dos Predicantes, e o Fundo do Povo, tal como esse Fundo existe, no seu estado espontaneo e primitivo.

Resulta uma Situação artificial por completo.

E uma Situação que, — precisamente como a do alcoolico, que só se sustenta continuando a beber alcool, embora o alcool acabe por matal-o, — tambem se sustenta apenas pela embriaguez do Conflicto perpetuo, do Bota-Abaixo, da Insidia dissolvente, da Especulação populaceira, — cujo virus se lhe infiltrou com o primeiro leite, — antes do 5 d'outubro, — cujo virus continuou a ser-lhe ministrado, ao longo dos seus quasi tres annos d'evolução emancipada.

Temos, pois, uma situação artificial, que é o proprio regimen republicano, conforme elle nasceu e cresceu, e irá vivendo, até que morra. N'este ultimo ponto, nem o mesmo Calino opinaria d'outro modo.

Justamente como o individuo que tem de viver a sua vida, com os orgãos que, da Providencia, haja acaso recebido.

E temos uma situação artificial insusceptivel de modificar-se. A substancia do Futuro está nos actos do Passado.

A Republica constitue, com effeito, um systema, onde se encontram, por um lado, certas forças, que são os politicos republicanos, com as suas mentalidades particulares, e os seus feitios intrinsecos, caracteristicos e immutaveis, — e, por outro lado, as massas humanas, que funccionam segundo a coacção d'essas forças.

E essas forças, — quer dizer esses Cerebros, essas Sentimentalidades, essas Vontades dirigentes, e as Leis, e os Exemplos, e os Impulsos, e as Suggestões de toda a ordem, — que traduzem o espirito e a personalidade do systema, — são o que são, — e que nós não queremos, por um sem numero de razões, esmiuçar agora aqui, — e não são, nem podem vir a ser, cousa differente d'essa. Visto que, mesmo voltados do avêsso, um leão fica sempre um leão, e um lacrau sempre um lacrau.

A Republica é, em resumo, uma Situação artificial, insusceptivel de modificar-se. Sustentada por meios artificiaes, absorve-a logicamente a preoccupação de criar esses meios artificiaes, e d'injectar as suas imprescindiveis Cafeinas.

Cafeinas vem a ser aquillo que vulgarmente se designa por Defeza republicana, Republicanização do Paiz, Centros de vigilancia, etc., etc.

E a Pharmacia das Cafeinas, o manejo das seringas, os tratamentos especiaes annexos, a lucta permanente entre o principio morbido e o organismo combalido, — todas as contingencias palpitantes, emfim, de uma peregrinação terrena sem condições naturaes de vida propria, — comprehende-se bem que devam tomar o tempo todo, que devam occupar as attenções exclusivas, sem possibilidade de desvios de qualquer genero.

E comprehende-se, por consequencia implicita, a marcha, a triste marcha, da Republica, mais insensivel ás Realidades, do que a pelle do hipopotamo ás frechas do cafre.

«Quod erat demonstrandum».

Assim se vê o Bem Publico, e a Alma Portugueza, sacrificados á manutenção do Partido republicano no Poder. Questão de prisma.

Uns, — os Senhores da intitulada De-

mocracia, — olham para a Patria atravez do vidro das suas theorias politicas, sectarismos, e ambições adjacentes.

Outros, — e com esses infileiramos, — olham para as theorias politicas, sectarismos, e ambições adjacentes, atravez do vidro da Patria.

A Patria julgará quem são os sinceros Servidores da sua Grandeza.

Henrique de Paiva Couceiro.

UM REI

O povo hespanhol recebeu com estrondosas acclamações o seu Rei á volta da viagem a França. Soube assim agradecer o muito que Affonso XIII o tem sabido servir, da mesma fórma que a visita a Paris veio uma vez ainda demonstrar a prodigiosa influencia, a acção preponderante, sempre util e patriotica, que um Rei sabe sempre tambem exercer em prol do seu povo. Que a Hespanha, perdido o seu imperio colonial pudesse aspirar a representar um papel importante na politica do mundo, poderia bem em tempos parecer um sonho. Que a sua aproximação da Triplice Entente, significando sobretudo ser considerada um factor valioso no equilibrio das allianças, seja a obra do moço Rei, é o que não soffre duvida e o que bem patenteia a razão como os hespanhoes sem distincção de partido politico, acclamam quem por tal fórma tem bem merecido da sua patria.

No proprio dia em que Affonso XIII jantava no ministerio dos negocios estrangeiros em Paris, o embaixador de França junto da Gran-Bretanha sentava á sua meza o Rei Jorge e a Rainha Maria, com os embaixadores da Hespanha, Russia e Italia. Não nos parece que esta coincidencia fosse méramente fortuita, antes queremos vêr n'ella a maneira de avaliar o alcance das phrases cordealmente imprecisas trocadas entre o Rei d'Hespanha e Mr. Poincaré, e a significação d'algumas *interviews* dadas pelo Presidente do Conselho hespanhol.

A França e a Hespanha teem na Europa e na Africa fronteiras communs em demasiada extensão, occupam especialmente em Marrocos uma situação que exige para a sua segurança e prosperidade um entendimento completo.

Eis o *interesse* que decide hoje as allianças, ou segundo a formula preferida, as *ententes*.

Mas a situação da Hespanha dá á sua entrada na *entente* uma significação especial; o seu interesse leva-a a isso, tornava-a inevitavel desde que quizesse sahir do seu isolamento.

Mas é esse mesmo interesse que determinará, crêmos nós, a formula, digamos assim, da *entente*. Na propria Triplice Entente, a França e a Russia teem entre si obrigações que não prendem a Gran-Bretanha.

Da mesma fórma a Hespanha, não tendo os mesmos interesses que a Gran-Bretanha ou a França, não tem que contrahir analogas obrigações. Ficará pois naturalmente em relação a estas potencias como a Gran-Bretanha se encontra em face da alliança franco-russa; o entendimento com a Italia, consequencia do equilibrio mediterraneo, vem por outro lado estabelecer um ponto de contacto com a Triplice alliança.

A approximação da França é, para a Hespanha, essencial. Não teem sido sempre boas as relações dos dois paizes em Marrocos, e ambas precisam que o sejam, e com firmeza, sem reserva alguma. E' uma questão vital, a nosso vêr. Ambas precisam uma da outra. E a Gran-Bretanha, para a qual o seguro transito do Estreito é um interesse vital, carece absolutamente por isso mesmo de que essas relações sejam firmes e estaveis.

D'ahi provirão naturalmente as combinações economicas, os accordos commerciaes ao que parece já esboçados durante a visita actual.

E' um verdadeiro resurgimento nacional que o moço Rei tem sabido preparar e dirigir para o seu paiz. Resurgimento que nós portuguezes só podemos vêr com satisfação orientada por tal fórma. Quando foi da visita de Eduardo VII a Lisboa escreviamos no Jornal das Colonias que o complemento da alliança com a Gran-Bretanha era para nós o entendimento com a Hespanha. Tal qual o pensamos ainda hoje. E' evidente porém que quando fallamos em Portugal é em *Portugal monarchia*. A republica, que a traição implantou em Lisboa no cinco d'outubro, afunda-se no desprezo e no horror do mundo civilisado. Começa a sentir-se que Portugal é indispensavel ao equilibrio das allianças. A entrada da Hespanha no Concerto das Grandes Potencias, mais claramente fará sentir essa verdade.

Apezar de ainda ás vezes combatido por interesses especiaes d'equilibrios ficticios, o principio das nacionalidades cada vez mais dominará a politica internacional. Elle está actualmente operando prodigios no Oriente europeu, e já na velha Asia, está fazendo estremecer as nacionalidades do futuro. Deveras, elle é um grande mantenedor da ordem, e o criterio verdadeiro d'uma paz duradoira. Porque á medida que as nacionalidades se vão aggregando no seu territorio natural, as causas naturaes de fricção ou de desavença tendem a desapparecer: ninguem mais pretende territorio alheio. E quando uma nacionalidade tem uma historia como a nossa, quando constituiamos na Europa aquella que ha mais tempo se organisára dentro dos seus limites naturaes e outera assim, a primeira tambem, expandir-se pelo mundo desconhecido n'uma obra immensa de civilisação, uma fracção infima de maniacos malfazejos, vêm n'um momento, a pretexto d'uma theoria absurda, decapar a nação, e lançando-a na mais perigosa das aventuras, mergulhal-a em quanta infamia e quanta vergonha se póde acarretar sobre um paiz! Nunca, nunca na historia se fez tanto sentir a um povo a falta d'um Rei. E quando vêmos o que o Rei d'Hespanha, em circumstancias tão gravemente difficeis, constantemente affrontando com tão alegre heroicidade a sanha bestial de assassinos, tem sabido, querido, e podido fazer pelo seu Paiz, só podemos esperar e desejar a um tempo, que a Republica não consiga em Portugal o mal supremo, a affronta ultima, e que El-Rei possa ainda salvar e manter a Nacionalidade Portugueza tantas vezes secular!

Ayres d'Ornellas.

Um grupo de presos politicos monarchicos, no Limoeiro.

De pé, Fausto Villar, Antonio d'Almeida e Costa e Joaquim da Motta Capitão; sentado, Mimoso Ruiz.

AS CADEIAS DA REPUBLICA

João Henriques da Costa

João Henriques da Costa

Já nos referimos a João Henriques da Costa. Occupamo-nos hoje directamente d'elle. Vale a pena.

E' um symbolo.

E' o Povo.

Ha dois annos era um obscuro estudante de pharmacia.

De ha dois annos, para cá, é um symbolo da liberdade republicana, um exemplo do martyrologio monarchico, uma victima, um nome, alguem.

Dentro de pouco é natural, que o carcere e as frequentes passagens pelo *segredo* do Limoeiro, façam d'elle um cadaver.

Então poder-se-ha escrever-lhe na louza do tumulo:

«Nasceu em Benavente a 1887; falleceu nas cadeias da Republica a...»

A quem, impressionado com esse provavel epitaphio, quizer reconstituir a historia d'este prisioneiro das *Bastilhas* republicanas, deixamos aqui o indice: em 23 de maio de 1911, a Republica interrompia-lhe o seu modesto curso de pharmacia, e truncava-lhe a vida, sob a accusação de alliciador de conspiradores para uma contra-revolução monarchica.

No velho palacio do Conde d'Andeiro esteve João Henriques da Costa até o transferirem para o presidio da Trafaria, em 24 de novembro de 1911, onde adoeceu e foi tratado pelos drs. Carlos Garcia e Agostinho Costa da Divisão mandou confirmar a sentença!... Ao seu martyrio vesseal veio juntar-se a prisão do pae, Sabino José da Costa, o santo e desgraçado velho de 74 annos que, unicamente accusado durante sete mezes sem *sequer ser pronunciado*, veio a fallecer no Limoeiro.

E, como se a João Henriques da Costa não bastasse, — para lhe embranquecerem os cabellos e envelhecer a alma, — aquelle tragico quadro da agonia do pae n'um triste quarto do grupo A, chorado de joelhos pelos companheiros de prisão, chorado pela mulher e pelo filho, n'um quarto contiguo; como se não lhe bastasse essa shake-peareana noite da agonia do pae, cujo martyrio indignou a propria Morte que foi arrancal-o aos ferros negros da Republica; como se não bastasse tudo isso, ainda a sorte lhe reservava a pobre D. Joaquina Izabel da Costa, a pobre mãe, a tiritar de miseria.

Os soffrimentos do carcere continuam.

Mas d'esses nem João Henriques da Costa, nem nenhum preso politico monarchico se lamenta.

Não deixem os monarchicos morrer á fome aquella velhinha que mesmo que nunca achem opportuno restituir á liberdade e á acção social uma vida, João Henriques da Costa não se queixará.

Nós achamos que é sempre opportuno arrancar a uma cadeia um preso politico: por todos os processos, pela revolução, em primeiro logar, pela fuga, depois.

Mas, então, quando um regimen troca por centavos os prisioneiros, como qualquer chefe de tribu do continente negro, parece-nos cabil e acto de pouca audacia, o remir um captivo.

A remissão dos captivos era n'outros tempos uma devoção das crentes.

Ahi está um bom emprego do sentimento christão, um costume religioso que gostariamos de vêr restaurado no nosso paiz, e em momento opportuno para a iniciação d'essa renascença piedosa.

Mais que opportuno, opportunissimo é sempre restituir uma vida á liberdade, e ninguem tem o direito de decretar se essa vida é pouco ou muito preciosa, pela simples razão de que a vida e a liberdade são sempre sagradas, grandes e preciosas.

Mas se os monarchicos não julgarem opportuno remir aquelles presos que já ha dois annos viveram a lealdade de julgar opportuno sacrificarem-se pelos monarchicos todos, dando a liberdade! — Bem mais precioso do que a vida! — ao menos amparem as mulheres velhas cujos maridos jazem no cemiterio, mortos entre grades da Republica, e cujos filhos não podem sustental-as por jazerem nas cadeias á espera que os monarchicos achem opportuno libertal-os, já não dizemos pela revolução, para o que é preciso desprendimento e coragem, mas pelo commodo e intemerario esforço d'uma remissão a dinheiro.

Em liberdade, os presos politicos monarchicos não estenderão a mão á caridade de ninguem nem consentirão que os seus velhos esmolem o caldo.

Nas cadeias, os presos politicos monarchicos desejariam apenas que os monarchicos lhes não deixassem morrer á fome as mães ou os filhos desamparados, para que os carcereiros da Republica, vendo-os com os olhos alagados de lagrimas, não ouçam a insultante impressão de que os presos choram os proprios soffrimentos.

Mas estamos em dizer que [illegible] e carrascos da Republica conhecem melhor a grandeza sublime dos [illegible] monarchicos do que a propria fa[illegible] narchica.

Essa grandeza, essa elevação [illegible] bnegação pela Ideia é patente, é [illegible] da a todas as horas.

Ainda ha pouco, quando da tra[illegible]ncia da ultima leva de condemnados [illegible] do Limoeiro para a Penitenciaria

Na manhã de 7 d'abril proximo passado, uma segunda-feira, cerca das 11 horas da manhã, o reverendo Padre Avelino de Figueiredo e seus co-reus preparavam-se para seguir para a Penitenciaria.

A carroça dos cães estava a postos; pela janella de um dos grupos — que é uma trapeira do edificio — muitos presos politicos se encarrapitavam, na esperança de vêr seguir sete dos mais antigos presos politicos. Um d'estes, ao descer a escadaria em direcção ao carro cellular, nervoso, de chapeu na mão, volta-se para os antigos companheiros, e grita:

— *« Em nome da liberdade republicana, vamos para a Penitenciaria! Viva a Patria! Viva a Monarchia! Viva El-Rei!»*

N'esta altura, desce a mesma escada o Padre Avelino. Despediu-se, mudo, dos seus companheiros; mas um d'elles, sem se poder conter, exclama:

— *« Coragem, Padre Avelino!»*

Foi um rastilho.

Um dos grupos manifestava-se; de uma das janellas, solta-se um viva ao Padre Avelino do Figueiredo. Logo a seguir, os vivas á Patria, á Monarchia, a S. M. El-Rei o Senhor D. Manoel II, succedem-se estridentes, nervosissimamente levantados por quem se não podia conter.

O Director da cadeia, sr. major França, dá ordem para serem levados á sua presença todos os presos do grupo B. Seguiram todos menos quatro: Dr. Doria Nazareth, Alfredo Guerra, Francisco da Silva Sequeira e Salvador d'Araujo —, o fiscal.

Chegados á presença do Director, este, com a camisa desabotoada, sem gravata, sem collarinho, excitado, recriminou-os:

— *« Então os senhores fazem-me isto, a mim! a mim que os tenho tratado sempre bem?... Pois vae já tudo para o "segredo"! Tudo para o "segredo"!»*

As grades foram-se abrindo para ir *tudo* para o *segredo*. Mas ao cabo de tres horas, no *segredo 1*, onde haviam entrado 8, havia sete presos apenas, todos do grupo B.

O Director do Limoeiro, dos presos que chamára á sua presença resolvera mandar para o grupo, estes: Conego da Sé de Bragança, Dr. José d'Oliveira, Francisco Barata, Antonio Manzoni de Sequeira, Gentil de Carvalho, além de Antonio Augusto — que ao entrar no *segredo* soffreu um a syncope, sabindo com outros que foram reclamar do Director um pouco mais de humanidade para com doentes como aquelle e o sr. Quintino Gramaxo Vianna, — e Mimozo Ruiz.

Os que, do grupo B, voltaram ao *segredo n.º 1* foram estes: Victor Manuel da Silva, João Carneiro, José Pereira Sabrosa, Astrigildo Chaves, Fausto Villar, Antonio d'Almeida e Costa, e Joaquim da Motta Capitão.

No *segredo* 3 foram mettidos João Paulo da Costa, João Andrade, Herminio Augusto e José Manuel Alves.

Do grupo A todos os presos foram dar ao *segredo 7*, com excepção do fiscal José Lourenço. Ao serem inquiridos, o Director não conseguiu mandar nenhum para o grupo, em virtude de declararem que tinham tomado todos parte na manifestação ao Padre Avelino.

Eram cinco: Dr. Carlos de Mello e Costa (Ficalho), Dr. Armando Cordeiro Ramos, Padre Pinheiro Marques, João Henriques da Costa e Antonio Faustino. Este ultimo, como outros do grupo B, que não tinham entrado na manifestação, recusou-se a declaral-o, preferindo ficar no *segredo*.

O tenente Julio Gonçalves Ramos não foi parar ao *segredo*, porque na occasião da manifestação estava na Secretaria.

O *segredo* foi applicado a estes presos, durante tres dias.

Os presos politicos monarchicos estiveram lá tres dias, como estariam tres annos, emquanto tivessem vida.

Quando sahiram do *segredo*, sabemos que os presos tiveram então um verdadeiro accesso de indignação ao constar-lhes que alguns jornaes, não matriculados no regimen republicano, haviam attendido os pedidos de um heroe da Retunda e carbonario, o sr. Americo d'Oliveira, que deitou paixão pelos monarchicos e se lhe metteu em cabeça protegel-os, com o pretexto de que é para proteger a republica de excessos que a desprestigiem.

Se foi ou não o sr. Americo d'Oliveira que pediu aos taes jornaes que não fallassem no caso, para elle poder conseguir do sr. major França que tirasse do *segredo* os presos politicos monarchicos, não sabemos.

O que sabemos de fonte certa é que os presos politicos monarchicos estão d'isso convencidos, e nada agradecidos ao carbonario Americo d'Oliveira que, com as suas quixotescas intervenções, não logra sangue azul e branco, e compromette a Republica, demonstrando que só pela imposição carbonaria... arrependida, e apaixonada pela belleza dos gestos monarchicos, ella, Republica, deixa de descer de vez em quando ás ultimas crueldades.

Os presos sentir-se-hão muito melhor vendo todos no seu logar, e o logar da carbonaria será no banco dos reus, nunca na bancada dos advogados de defeza dos monarchicos.

Perfumaria Balsemão
RUA DOS RETROZEIROS 141
Telephone 2.777 — LISBOA

16 FOLHETIM DE «O CORREIO»

A CHICA

A CARTA AO «MUNDO»

A aventura do maldito *Lulu* com os garotos á porta da Egreja da Magdalena, e sobretudo a noticia que no *Mundo* appareceára, tiveram-me em brazas todo o dia.

A Chica, é claro, não lia o *Mundo*, e aqui entre nós posso dizel-o, não o lia, como boa monarchica que era, desde que essa folha deixára de publicar a secção *Diz-se*, secção que ella lêra sempre, e sempre como boa monarchica, claro está, para andar ao par das intrigas que se attribuiam á gente do Paço, e para palpitar quem seria que dava todas aquellas informações.

Algumas vezes eu observava-lhe:

— Olha lá, ó Chica,... mas para que lês tu essa secção, se sabes que tudo são mentiras?...

— Ora!... respondia ella, vagamente... Algumas vezes... quem sabe!...

E eu pensava de mim para mim, que, na verdade, a minha Chica era o typo perfeito do monarchico. Não havia republicano nenhum que não soubesse que o *Diz-se* do *Mundo* era, do principio ao fim, uma serie de perfidas mentiras, em que ninguem do jornal e do partido acreditava. Mas os monarchicos... e a Chica era monarchica... deliciavam-se e saboreavam porque... ora!... algumas vezes... quem sabe!...

Mas logo que acabára a Monarchia e o *Diz-se*, a Chica, nobremente, recusava-se a ouvir sequer fallar no *Mundo*.

Por ella pois não havia perigo de que a noticia fosse conhecida... Mas as amigas?... Mas o Cazuza? O diabo do Cazuza, que quanto mais estupido se demonstrava no Lyceu, mais republicano se manifestava em casa, ao jantar, durante o qual, de dedo espetado no nariz, fallava orgulhosamente do sangue plebeu das Pires Pereiras, apepinando a aristocracia da mãe, o que desesperava a Chica e desclava a tia, que lá no fundo, bem no fundo, sentira sempre uma pontinha de vaidade por ter tido um irmão que por um dia puzéra de ponte o bacalhau, para levar á egreja uma Pamplona Côrte-Real, levadissima de seiscentos diachos, que tornára n'um inferno a vida do marido, mas que em todo o caso era Pamplona, era Côrte e era Real, isto é, era tudo quanto havia de mais sangue azul!...

O Cazuza com certeza que havia de lêr o *Mundo* e não deixaria de fazer grande galhofa com a historia do *Lulu* e do Anselmo, isto é, o cão e o namorado da mana Chica, serem elogiados ambos na gazeta jacobina como anti-clericaes.

E se a Providencia houvesse por bem evitar que a cousa chegasse ao conhecimento do Cazuza, com certeza que não estaria com a maçada de fazer tambem com que não chegasse ao conhecimento de alguma das amigas da Chica, e portanto, claro está, como era cousa desagradavel, ao conhecimento d'esta.

E quando a Chica o soubesse... quem a aturaria?...

Tanto mais que a culpa era toda d'ella, só d'ella, e a Chica podia talvez perdoar, para variar, uma tolice minha, mas uma tolice d'ella, uma tolice de que ella só tivesse a culpa, isso nunca... nunca me perdoava...

Que querem? A Chica na realidade era boa rapariga, mas tinha d'estas cousas... D'estas e d'outras, de muitas outras mesmo, louvado seja Deus!

O importante portanto era que a cousa já estivesse remediada antes de chegar ao conhecimento da Chica, ou pelo menos antes de eu lhe fallar.

E o meio de a remediar era, concluí eu depois de muito pensar e magicar, era... escrever ao *Mundo*, negando que o Anselmo da Conceição do *Lulu* anti-clerical fosse eu.

A mim, confesso, custava-me um pouco negar que fosse eu aquelle Anselmo da Conceição.

O *Mundo* fallára do meu *espirito superior despido de preconceitos...* e, deixemo-nos de historias!, estas cousas em letra redonda agradam sempre.

Eu já tivera uma vez um elogio na imprensa. Fôra nos *Echos da Avenida*, no dia dos meus annos.

Um dos redactores, meu collega de repartição, para me ser agradavel fizera-me a surpreza de noticiar o meu anniversario, chamando-me *distincto sportman* e *zeloso amanuense dos Proprios Nacionaes*, o que, sinceramente, me commoveu, tanto mais que como *sport*, n'esse tempo, eu apenas cultivava o voltarête ás noites para distrahir um tio velho, e como *zelo* na repartição... emfim... o que lá vae, lá vae, mas a verdade é que quando eu lá ia, o chefe achava-me sempre mais crescido, mais homem... ha tanto tempo me não via!

Em todo o caso o elogio do *Mundo* era mais agradavel, mais vibrante... O *Espirito superior!*...

O diacho era a Chica!...

Mas eu, ao meu amor, sacrifiquei a minha vaidade.

Peguando na penna dispuz-me, pois, a renegar o *Lulu*, a renegar-me a mim proprio, a declarar emfim que nada d'aquillo se passára commigo, e que devia tratar se d'um outro Anselmo da Conceição, que não era eu.

A cousa, porém, era delicada.

Na carta eu não devia dizer nada que parecesse indicar que não sentia tambem uma grande admiração pelo *formoso cãosinho* que se manifestára anti-clerical, investindo com as *canostras* que sahiam da egreja da Magdalena. O *Mundo* era muito capaz de, por isso, me accusar logo de *thalassa, estupido, reaccionario*, etc., e lá estava eu nas unhas do continuo da minha repartição, que era tão malcreado e tão reportião que, com certeza, era tambem da carbonaria.

Mas se era preciso não dar a entender sequer que não admirava o *formoso cãosinho*, era preciso tambem que não désse logar á suspeita de que me associava aos elogios que o *Mundo* fazia ao maldito *Lulu*. Quando não... livrava-me do continuo, mas não me livrava da Chica.

A carta era, pois, difficil de escrever e eu estive largo tempo, com a ponta da caneta encostada ao beiço, reflectindo profundamente, antes de me decidir a traçar as primeiras palavras.

Logo de principio a cousa offerecia difficuldades.

Eu fôra condiscipulo do Borges, do sr. França Borges. Ambos tinhamos aprendido a lêr com o mesmo mestre.

A Chica de vez em quando embirrava commigo por causa d'isso. Não podia levar á paciencia que eu tivesse andado no collegio com o director do *Mundo*. E então descomunha-me, como se a culpa fosse minha. Cousas da Chica!

Mas tendo sido condiscipulo do director do *Mundo*, como devia dirigir a carta: *Meu caro Borges?... Borges*, só, seccamente? *Senhor director? Cidadão?...*

Diacho de alhada em que me mettera o maldito *Lulu!...*

Por fim decidi-me, e, rapidamente, — sem vaidade o confesso — rapidamente, tracei estas palavras:

Senhor Director — No seu jornal de hontem noticia-se que pertence a Anselmo da Conceição um formoso cãosinho que á sahida da egreja da Magdalena manifestára as suas opiniões anti-clericaes ladrando ás damas que sahiam do templo. Em homenagem á verdade (é sempre bom, quando se prega uma mentira, prestar homenagem á verdade) *devo dizer a V. Ex.ª que o Anselmo da Conceição de que trata a noticia não é o signatario d'esta, mas sim outra pessoa que tem o mesmo nome.*

De V. Ex.ª
attento e venerador
Anselmo da Conceição,
Segundo official dos Proprios Nacionaes

Depois de escripta a carta, li-a em voz baixa, espalhei varias virgulas, — porque, emfim, antes de mais que de menos, — tornei a lêl-a em voz alta, para vêr se me soava bem, e por fim mettí-a n'um sobrescripto, puz a direcção e mandei-a entregar por um gallego á redacção.

Depois fui jantar... e jantei mal. Estava distrahido. O diacho da carta não me sahia da ideia.

Era a primeira vez que eu escrevia para os jornaes, e o *debute* preoccupava-me.

Onde poriam elles a minha carta? Traria muitos erros, apezar de me ter esforçado por fazer uma letra muito intelligivel? Que impressão produziria?

E descascando uma laranja repetia de cór a carta... quasi em voz alta, a vêr se soava bem. Toda a noite a epistola me occupou o espirito. O que diriam elles? Que diria a Chica?

N'essa noite, é claro, abstive-me prudentemente do gargarejo, e não appareci á rapariga. Deitei-me cedo, não dormi nada, sempre por causa do diabo da carta, e logo de manhãsinha puz-me aos berros reclamando da creada que me fosse comprar o *Mundo*.

Finalmente ás oito horas consegui o jornal. Soffregamente corri a descobrir a minha prosa. O *Mundo* não publicava a carta. Laconicamente, em meia duzia de linhas, dizia não ser eu o Anselmo da Conceição a quem pertencia o *intelligente animal*, o que de resto elle, *Mundo*, já sabia, por serem conhecidas de todos as minhas ideias reaccionarias, o que não impedia que *esse thalassa continuasse comendo á custa da Republica na Repartição dos Proprios Nacionaes.*

Cahiu-me a alma aos pés!

As minhas ideias reaccionarias... esse thalassa... comendo á custa da Republica...

Estava nas unhas do continuo carbonario!

Anselmo.

A Segunda Incursão Monarchica

OITO MEZES NA GALLIZA

Um homiziado que frequenta as ruas e os cafés de Lisboa

Acabado o almoço, a chuva aquietára. O tenente Saturio Pires, então, propoz:

— Grande Graça! vamos sentar aqui para o terreiro da nossa vivenda, e ouvir mais um bocadinho da vida de João de Calais.

Antonio Graça acquiesceu, e com a placida indifferença de quem conta moedas de cobre, continuou a contar o romance da sua fuga:

— Não sabendo para onde ir, disse commigo: *« Bem, vou até Lisboa!»* Arranjei um fato decente, *tirei a mascara*, isto é, fiz a barba, e sem sequer vestir o sobretudo, nem encolher o pescoço na gola d'um casaco, atravessei a povoação á tardinha, ás escancaras, já sem me importar, com a intima convicção de que ia ser preso. Ia á aventura, já disposto a tudo. Mandei adeante o caseiro comprar-me o bilhete, d'esta vez de 1.ª classe, para eu não estar muito tempo na estação. Ora sempre que sentia qualquer allusão á republica ou monarchia, pensava logo que era commigo. Deu-se o caso que quando eu ia para a estação, passou na estrada o carro do correio; de dentro, meia-duzia de rapazes que conduziam o carrinholo gritaram: *« Viva a Republica! viva o Affonso Costa!»*

— Viva a Monarchia! — oppoz Gonçalo Meirelles, sentado na guarda do terreiro.

Antonio Graça proseguiu, na sua voz velada, sem um gesto, sobrio e grave:

— Tive um momento de atrapalhação, julgando que era commigo; mas o carro passou, e eu continuei mais descançado. Perto da estação, encontrei o caseiro que me entregou o bilhete; dei-lhe um abraço pelos seus discretos serviços, e, como n'essa occasião, o comboyo assomava á curva, corri e mettí-me n'uma carruagem de primeira classe.

— Se apresentassses o teu bilhete de identidade de *paisante* davam-te a reducção dos 50 %, mais, ias até Lisboa pela prenda! — affirmou Antonio Meirelles, que tambem fôra ouvir.

— Escolhi a primeira classe, por a julgar menos accessivel á carbonaria que viaja mais em segunda, como boa classe média. Qual não foi o meu espanto, quando ao entrar na carruagem dei com um carbonario sentado a um canto, sua gravata preta de pontas desvairadas, e a enxugar o suor da cachaceira um lenço ás riscas vermelhas e verdes. Deu-me a impressão de que não ia em serviço de policia, e devia voltar de qualquer commissão. A's minhas boas-noites respondeu-me por entre dentes, com olhar de féra. Fui sentar-me no outro extremo do compartimento. N'outra estação em que havia jornaes, comprei o *Seculo*, não para lêr mas para fingir que lia. Queria apparentar paz de espirito, mas realmente não a tinha. (*E Antonio Graça empurrava as palavras aos empuxões*). Durante a viagem, sem dizer uma palavra, ora fingia que lia, ora fingia que dormia... O que eu não queria era conversa... (*Nova pausa em que parecia caminhar cautelosamente pelas veredas da memoria fóra*). O tempo parecia-me muito longo... parecia-me que nunca mais chegaria a Lisboa. (*E com uma sombra de grande tristeza*): N'uma das estações fingi que acordava. Era Abrantes!...

— Tudo como d'antes? Ou « tudo nosso? » — gracejou Saturio Pires.

— Tudo na Extremadura. Entrou no meu compartimento um homem regular, grisalho, cheio, bigode d'alta patente,... já em alto grau na escala da vida, e com aspecto militar. Dirige-se a outro passageiro, que já vinha d'outra estação, e que era um typo fino, sem aspecto carbonario, e disse-lhe: *« Você não me conhece? Sou o Coronel Saturio Pires!»* Era o pae do tenente Saturio Pires...

— E tu fallaste-lhe? Elle que disse? Perguntou por mim? Está bom? Disseste-lhe que eu morro por o vêr? Não está muito acabado, não? Tu... tu... (*E o tenente Saturio Pires, sem conseguir enfiar o cigarro na boquilha, estacou sobre aquella avalanche de perguntas*).

— E o carbonario?! quiz Antonio Graça que lhe dissessem, quasi offendido na delicadeza do seu sentimento.

Pelos olhos de cada um passou uma sombra, como que a propria imagem desfigurada pela idade, esvaída pela distancia. Era a sau-

dade que entrára com elles, suffocando-os. Depois, tornou-se a ouvir a voz vagarosa de Antonio Graça:

— Sabe Deus a vontade que tive de lhe fallar, de lhe dar noticias do filho, com quem eu havia pouco estivera. Mas a prudencia e o bicho carbonario alli ao canto coseram-me a bocca. Meia palavra podia valer-me meia vida de Penitenciaria. Continuamos a viagem. Entrou o revisor, pediu os bilhetes: quando lhe mostrei o meu, olhei para o homem — era o mesmo revisor que me atirára com o bilhete ao chão quando eu viajava em 3.ª e vestido de mendigo.

— E agora? perguntou Antonio Meirelles?

— Agora... eu ia em 1.ª classe, vestido de passageiro de primeira, o que quasi cahiu ao chão foi o tronco do revisor, na vénia que me fez. Assim é este mundo de revisores!... A longa viagem, cada vez me parecia mais longa. Até que começaram de apparecer as luzes de Benfica, as avenidas novas, Lisboa. Era meia-noite. Puz-me de pé, no corredor, á porta do vagon. Entrou-se no tunel, chegamos emfim á estação do Rocio. Fui o primeiro a saltar do comboyo, e a sumir-se sem olhar para traz. Atravessei o Rocio. Sahia gente dos theatros. Os cafés ainda estavam abertos. Dirigi-me ao *Hotel Suisso*, onde fiquei só essa noite, e ás cinco horas da manhã, dirigi-me a casa d'uns amigos, aproveitando o favor d'essa hora a que a cidade é menos concorrida. A' porta da rua, d'essa casa a que fui bater, estava postada guarda republicana: portanto, muito seguro. Entrei sem objecções da sentinella que naturalmente me tomou por pessoa de casa, e, uma vez dentro, notei que tudo estava mudado, que havia menos gente e mais tristeza. Appareceu-me logo uma das pessoas, com quem desejava fallar, expuz-lhe a minha situação, e presentindo que o de que eu precisava era homiziar-me, offereceu-me a casa da melhor vontade. Ahi tive livros, tive ar, tive o panorama facil de Lisboa, tive conversa culta, e tive uma meza a que já não estava acostumado.

— E não sahas? perguntou Gonçalo Meirelles.

— A's noites, ahi pelas sete, para ir até casa d'outro amigo, d'onde voltava á meia noite.

— E andavas pela rua? — insistiu Antonio Meirelles.

— Não, havia de andar pelos telhados! — retorquiu Gonçalo.

— E a sentinella? — pormenorisou o tenente Saturio.

— A sentinella já me suppunha de casa, e não fazia reparo em mim. E' curioso! (*sorriu Antonio Graça, cortando ainda mais com os dentes as palavras, já de uso n'elle com um trave ilhéo*). Dos soldados da Guarda Republicana que faziam alli serviço, alguns fallavam com o porteiro da casa: uns eram enthusiastas por Paiva Couceiro; outros pediam simplesmente a cabeça do commandante. Um chegou a dizer que se o apanhasse, atá ia a dente.

— Isso era fome! exclamou Saturio Pires.

— A principio os meus passeios de dia eram raros. Mas, depois, a pouco e pouco, fui-me afoitando, e de vez em quando já entrava nos cafés.

— O' Graça! — perguntou o tenente Saturio — Que impressão dá hoje um café da Baixa?

— As conversas dominantes, n'aquella epocha, escusado será dizer que eram o Couceiro e os conspiradores, que indignavam os homens das gravatas pretas.

— Nunca foste seguido? — inquietava-se Antonio Meirelles.

— Uma vez! Eu sahira com o dono da casa para um passeio solitario pelo Aterro. A' volta, não olhando á imprudencia, entramos n'um café do Conde Barão, para tomar qualquer coisa. Fallavamos d'assumptos da Madeira; a sacharina, o vinho, etc., quando entra um individuo, com aspecto carbonario, e se senta atraz de nós. Fingindo lêr um jornal, parecia escutar o que diziamos. Foi o sufficiente para abalar a minha paz de espirito. Um minuto depois sahamos, subimos a Rua das Gaivotas, e mettemos á Calçada do Combro. Despedimo-nos, dirigindo-me eu a casa do amigo onde costumava passar as noites. Já nem pensava no homem que fingia lêr o jornal, por traz de mim, no café do Conde Barão quando na Praça Luiz de Camões dou de cara com elle.

— Seguira-te? — quiz saber, com anciedade, Antonio Meirelles.

— Seguira-me. Apressei o passo, fingi que descia a Rua do Alecrim, mas tomei pelo Largo das Duas Igrejas. O homem perdeu-me completamente de vista. Continuei o meu caminho, e meia hora depois estava a bater á porta do meu amigo, donde, sobre um pedaço de noite bem passado, regressei a casa. Um mez ou cinco semanas decorreram assim. Ora um dia aquella paz foi subitamente perturbada á voz de: « *Tem de sahir immediatamente d'aqui!* »

— Porque? — perguntou, com azedume de leitor mal informado, Gonçalo Meirelles.

— Restaura primeiro a Monarchia, e depois eu te explico esta obscura passagem. Por hoje, contenta-te em saber que foi um dos lances mais arriscados em que me vi. Sahi a tempo, e, por uma verdadeira serie de scenas de theatro, ainda escapei d'aquella. Tive de procurar outro refugio. E durante o tempo que estive n'essa outra casa...

— Isso continua a passar-se em Lisboa? — perguntou o tenente Saturio.

— Sempre em Lisboa. E durante o tempo que estive refugiado n'essa casa, justamente porque o perigo começava a apertar, mais me appetecia girar. Fugia de encontrar gente conhecida, mas, sahindo, havia fatalmente de encontrar caras conhecidas, rapazes, antigos companheiros. Uma das vezes, á sahida d'um café, passou um electrico, felizmente com grande velocidade, e um rapaz debraçou-se, e fitou-me, parecendo reconhecer-me. Era o João Camacho, filho do coronel Camacho. Fiz de conta que o não conhecia, abençoando d'essa feita os electricos, a companhia, as novas avenidas, e a vida cara de Lisboa, que obriga o morar longe. Foi um aviso para me metter em casa.

— Nunca mais puzeste o nariz de fóra? — avançou Gonçalo Meirelles.

— Tornei, sim, senhor. Mas n'esse dia vi que não estava em sorte, e metti-me em casa. Ora durante todo o tempo que estive em Lisboa, o meu pensamento constante, de todos os dias, foi escapar-me outra vez para Hespanha. Propuzeram-me a fronteira de Villar Formoso ou a de Badajoz, affirmando-me que era a viagem por terra a que offerecia mais facilidades.

— Pagem! — reclamou o tenente Saturio.

Como d'um alçapão, compareceu o « Pagem », a oscillar a cabeça, ás vénias que o tornavam uma especie de boneco de porcellana:

— Meu tenente!

— Vae buscar tabaco. (*E voltando-se para Antonio Graça*). Avance!

Antonio Graça continuou:

— Eu, que já estava farto de viagens por caminho de ferro, só sympathisava com a sahida por mar. Mas quasi todas as agencias de navegação exigiam passaporte...

Joaquim Leitão.

Os bons tempos da tropa

A 'féra" do major

Ai! Que mêdo que aquelle major Pitta tinha de montar...

Era positivamente um terrôr panico.

— Uma vergonha para a arma! — rosnava o coronel Alves, que, com as suas prosapias de *picadôr*, vinha todos os dias a cavallo para o quartel e entrava na parada n'um *cachapim, cachapim bate sóla*, por elle classificado de « magnifico galope na mão».

— « Na mão »... veja ajudante... « sempre na mão »... uma verdadeira « praça » de general...

Mas major Pitta é que se não importava absolutamente nada com estas duras reflexões do seu commandante.

— Pois se a minha vocação foi sempre para marinha... Falle-me V. Ex.ª, commandante, em « velâme » e em manobras de bordo e verá V. Ex.ª eu dar sóta e az... Agora *cavallos... cá... vá... llos...* sempre são *féras* de quatro pés... de quatro pés, o que não é brincadeira...

Assim tinha valido quasi uma epopeia todo o trabalhão em que os pobres officiaes do 4 de cavallaria se tinham visto para arranjar uma « praça » que lhe conviesse...

— Olhe, meu caro camarada, eu desejo simplesmente um animalzinho que não tenha mêdo dos tiros, que só ande ao terceiro « anda! » e páre ao primeiro « schóh! »... e que não seja duro de bôca... e que não tome o freio nos dentes...

— Um cavallinho de pau, não é assim?

— Ora diz muito bem... um « cavallinho de pau »... a minha vocação foi sempre para a armada... Um « cavallinho de pau » é isso mesmo que me convem...

Por fim lá se arranjára um *respeitavel ancião*, de 23 annos bem contados, o qual ia ser dado por incapaz e que reunia todos os requisitos, que o nosso Pitta exigia.

E Pitta, que gostava de nomes pomposos, baptisou-o logo de « Temerario ».

O pobre *Temerario* era russo, e tinha o olhar triste de quem muita coisa triste tem visto n'este valle de lagrimas.

Não era de pau! era de pedra! Podia ouvir quantas descargas quizesse que nem um sobresalto lhe corria o pello. Cahisse muito embora céo e terra, que elle permaneceria inalteravel.

Ainda assim, a primeira vez que o montára, em frente ao alto de S. João, n'uma formatura geral, para o funeral d'um velho almirante (que nunca embarcára), amigo major Pitta, emquanto não chegava a hora das tres descargas da ordenança, mantivera com o pobre *Temerario* este elucidativo colloquio:

— Não tenhas mêdo... hein! Olha que não faz mal... E' *polvora sêcca*...

E passava-lhe a mão pelas crinas e batia-lhe afagadoras palmadas no pescoço...

— Não tenhas mêdo... *Temerario*... ó Serafim (Serafim era o impedido)... ó Serafim, quando forem os tiros, vae-lhe dentando, pelo seguro, a mão ao freio...

E continuava:

— « Temerario »... não tenhas mêdo... olha que é assim: « Pum! Pum! »

Quando, de dentro do cemiterio soou o signal de *Fôgo*, da requinta, major Pitta estava... *verde*... *Temerario* immovel, debaixo do *Shabrack*, abanava tristemente a cauda, a sacudir *a môsca* e parecia reflectir:

— Este meu patrão não ha duvida que é parvo...

Dia de *ronda superior* era um martyrio para major Pitta.

Logo de manhãsinha, em casa, ao acordar elle murmurava desolado:

— Nada, nada... vou-me reformar... eu não fui feito para estas « cavallarias »... depois a minha vocação foi sempre para a marinha... vou-me reformar...

E ao pôr o pé no estribo, para percorrer vagarosamente a via sacra do Quartel General para o Limoeiro, para a Estrella, para os Tribunaes de Santa Clara, major Pitta soffria d'um *sommatório* de todos os sustos d'esse dia desgraçado e de todos os desgraçados dias identicos, que estavam para vir. . Pobre major Pitta!

Se a sua vocação era para a marinha...

N'esse dia o effectivo do regimento, constituindo quatro companhias, tinha *escola de batalhão*, nas Salesias.

5 da tarde...

A sentinella bradára « ás armas » e a guarda formára.

Atraz dos tambôres a rufar em cadencia, o *Temerario*, levando philosophicamente major Pitta sobre o dôrso, desfilára á frente do batalhão.

Pacato, como sempre, é claro. Major Pitta, do *antecedente*, trémulo e *verde*, as pernas a bambolear, todo alcachinado sobre o cepinho e constantemente a bradar apavorado:

— Contramestre... mais curto na frente... Serafim, olha o cavallo... tem mão n'elle... olha que elle vae *bravo*...

Por fim o batalhão deu entrada no campo.

Serafim conduziu *Temerario* e conduziu major Pitta, como quem leva o S. Jorge, de Castello, até ao centro do terreno.

A *féra* parou e ficou de pedra.

O batalhão desfilou lá ao longe, por quatro, caixas na frente « rataplan, plan, plan, rataplan».

E major Pitta, n'um grande vozeirão:

— Batalhão!... Frente á esquerdâ... â... â!... Á... Álto!

. . . . . .

Ia-se proceder á *fatidica* « marcha em revista».

Major Pitta, um pouco mais senhor de si, já commandára a voz de advertencia, no tom prolongado de quem fala do fundo d'um pôço:

— Batalhão!... Quatro á direitâ... â... â...

E ia mandar *volcêr*, para a completa execução do movimento, quando, do quartel do 4, vem um toque de clarim...

Temerario recordou-se dos seus tempos e conheceu o toque...

Resfolegou, espetou as orelhas, relinchou — a *tomar muito sentido*...

Ai! Meu Deus o que fôste fazer!

Foi o bastante...

E logo major Pitta, largando a espada e de mãos ás crinas; n'um grito augustioso...:

— Volvêê... ê... ê... Ai! Jesus!...

E o Batalhão volveu...

Saturio Pires.

ANNUNCIOS

Confeitaria Oliveira

— DE —

José Miguel d'Oliveira & C.ª Succ.es

Importadores directos das principaes casas de Paris, Londres, Berlin, Turin, e Suissa.

Fornecedores de lunches, almoços e jantares no Porto e Provincias:

Fabrico diario de confeitaria, pastelaria, pratos de cosinha, e doce, proprios para presentes, etc.

AOS MONARCHICOS

Tenho em deposito grande variedade em papel de carta com facha azul e retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, dito da futura esposa de Sua Magestade D. Manuel II, lapis azul e branco, berloques para pulseiras, argolas para guardanapos com a linha bandeira azul e branca, botões para punhos, passe-partouts com retrato e bandeira, chatelaines, lindos distinctivos com bandeira e retrato, photographias em ponto grande com retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II e do Senhor D. João de Almeida.

Grande variedade em Postaes com os ultimos retratos de Suas Magestades a Senhora D. Amelia e o Senhor D. Manuel II, Sua Alteza o Principe D. Affonso e os srs. Azevedo Coutinho, Ayres de Ornellas, Dr. Annibal Soares, Alvaro Chagas, Paiva Couceiro, Dr. José A. C. Branco, Conde de Arnoso, Principe D. Luiz Filippe e muitos outros artigos.

Entre 5 dias receberá o retrato em verdadeira photographia de Sua Alteza Serenissima Princeza Augusta Victoria, futura esposa de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, o que ha de mais perfeito.

PREÇO COM GRANDE DESCONTO AOS REVENDEDORES

Todos estes artigos pagam os direitos alfandegarios com ordens superiores; por essa razão não pódem ser **apprehendidos**, pois são objectos de meu commercio.

PEDIDOS A

J. Monteiro Pereira

Rua do Loureiro, 72 — PORTO

Laboratorios THERAPIA

44, R. José Falcão, 52—TELEPHONE, 702
Porto—Portugal.

Nucleo Pharmaceutico do Porto, Limitada

Empolas com liquidos injectaveis e anesthesicos
Algodões, gazes, sedas, catguts, drenos, etc., esterilisados
Leite, seus derivados (Kephyr, Babeurre, etc.)
Sores therapeuticos.

Secção d'analyses

Ferros cirurgicos
Formolia e apparelhos para sua utilisação
Seringas e agulhas
Esterilisação de pensos, ferros e roupas para operações.
Algodão iodado

Algodões e gazes medicinaes
Nazol
Borcina
Polvilho antiseptico
Sabonetes medicinaes
Dentifricios, etc.

Desconfiar das imitações.
Exigir sempre origem THERAPIA.

Lemos, Lencart & C.ª

PHARMACIA DE I.ª CLASSE

DE

LEMOS & FILHOS

Unicos preparadores do superior medicamento

FOSFIODOGLICINA

Succedaneo vantajoso do oleo de figados de bacalhau e das suas emulsões. .·. Indicado contra as escrophulas, Rachitismo, Anemia, Neurasthenia, etc. .·. Este medicamento é o unico ensaiado com seguro exito em todas as casas de beneficencia do Porto e aconselhado por professores da Escola Medica, directores de hospitaes, etc., etc.

MEDALHA DE PRATA

NA

Exposição do Rio de Janeiro

1908-1909

Marca registada em todos os paizes.

Magalhães & Moniz, L.da LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.
Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

11, Largo dos Loyos, 14—PORTO

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

ALBANO RAMOS PAES

3, RUA DO CORONEL PACHECO, 3

Telephone, 393 — End. teleg. NOVIDADES

Tem a honra de participar ás suas Ex.mas Freguezas que já recebeu a maior parte do seu sortido para verão, escolhido pessoalmente nas primeiras casas de Paris.

Enxovaes para casamento — Execução perfeitissima

Ateliers de vestidos e roupa branca

COMPAGNIES DE NAVEGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 20 de Maio o paquete *Burdigala.*
A 3 de Junho o paquete *Divona.*

Linhas commerciaes. Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 28 de Maio o paquete *Samara.*
Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 11 de Junho o paquete *Garonna.*
Para Bordeus.
A 19 de Maio o paquete *Valdivia.*
A 30 de Maio o paquete *Garonna.*
A 8 de Junho paquete *Sequana.*

K. H. Lloyd (Mala Real Holandeza)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.
A 19 de Maio o paquete *Zeelandia.*
A 9 de Junho o paquete *Hollandia.*
Recebendo passageiros de 1.ª intermediaria e 3.ª classe.
Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.
A 11 de Junho o paquete *Frisia.*
A 21 de Maio o paquete *Hollandia.*—Recebendo passageiros de todas as classes.

Linha Cyp. Fabre & C.º

Para Providence e New-York, e mais cidades dos Estados Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.
A 21 de Maio o paquete *Germania.*
A 25-30 de Maio o vapor *Cambodge.* (Directo só para carga e não vae aos Açores.
Recebendo passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes.
Para Marselha.
A 27 de Maio o paquete *Roma.*
Recebendo passageiros de todas as classes.
Preço das passagens em 3.ª classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc.. quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.
Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.º

NO PORTO
Largo de S. Domingos, 62-1.º

EM LISBOA
Praça Duque da Terceira, 4.
Tel. 415

EMPREZA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA